

Feliz Natal e Boas Festas ! Remeto um artigo de prospecção para o futuro inarredável que virá ! Os romanos consultavam os augúrios e as pitonisas. Atualmente analisamos as tendências...

Um grande abraço Prof. Sérgio Borja – tel: 051 98083706 res/tel/fax: 051 33 37 00 28 mail: [borja@pro.via-rs.com.br](mailto:borja@pro.via-rs.com.br) Portal:

<http://www.sergioborja.com.br>

## A NECESSIDADE DE UM PLANO REAL III

O anúncio feito pelo Banco Central de que comprará US\$2,998 bilhões até junho de 2005 demonstra mais uma vez a miopia da política econômica brasileira. Além de gerar uma flutuação “suja” do câmbio mostra a ausência de consciência que é coerente com a tomada de decisões referente à política de meta inflacionária como um todo. Esta política se faz sob a ótica de uma única concepção que é a da auto-suficiência dos controles macroeconômicos endógenos, sejam, aqueles estanques no sistema do estado nacional. Desconectada e não integrada, a uma visão macroeconômica exógena que supõe necessariamente a existência de condicionantes externos, alguns determinantes, poderá, a prazo médio, levar o país a um novo colapso.

Todo o profissional ou mesmo o curioso em economia tem consciência da afetação direta de uma série de dados externos sob o sistema econômico nacional. Não foi por acaso que a partir de meados da década de noventa o sistema internacional passou a implantar gradativamente um modelo de “currency board” (dolarização) em toda a América Latina. Esta política, implementando o pensamento de Robert Mundel – prêmio Nobel de economia – pensava concatenar através da simetria monetária as assimetrias econômicas e, alavancar assim, as vantagens comparativas da região integrando-as numa escala econômica continental que favoreceria a sinergia integrada de um macro-mercado, que conforme o pensamento liberal, levaria a uma integração da população de um salto quantitativo a um salto qualitativo por excelência. Este macro instrumento de colimação econômica ruiu por inteiro trazendo o colapso das nações que foram, uma a uma, tragadas como “bola da vez”. A Argentina que persistiu heroicamente no equívoco não conseguiu até hoje sair da moratória perante o FMI. O Brasil, em face das advertências sobre a sobre-valorização cambial, mudou da política de câmbio fixo para a atual flexibilização cambial. De um modelo importador, no primeiro momento do Plano Real I, passamos para um modelo exportador, no Plano Real II. O real, desvalorizado perante o dólar permitia, neste segundo tempo, a política cognominada pelo economista belga Robert Triffin de “*beggar thy neighbor*” – em bom português: política de empobrecimento do vizinho que também, nas entrelinhas, pode ser traduzida como “dumping” monetário.

O dado relevante que é suprimido do traçado da política econômica nacional é o fenômeno que cognominamos de placas tectônicas monetárias que reproduzem, analogamente o chamado policentrismo tripolar (EUA x UE x ASEAN), como foi chamado o cenário que substituiu a polarização entre EUA x URSS, cognominada guerra fria. Assim é que a placa européia com o tratado de Maastrich e a adesão do leste europeu já está bem dizer consolidada. A ASEAN, caminha a passos largos para uma autonomia frente aos mecanismos ocidentais. No entanto a ALCA, zona onde estamos inseridos, entre marchas e contra-marchas, caminha a passos de formiga baldados os esforços hercúleos dos entes multilaterais para consolidação de um espaço similar nas Américas.

Assim é que nesta macro-engenharia internacional de acoplamento político-econômico das nações americanas, por indução dos entes multilaterais (OMC/GATT, FMI, World Bank) fálhada a concatenação através da política de *currency* na alta, tenta-se a concatenação que é induzida através do rebaixamento do dólar frente ao euro e o yen. Após o efeito samba e o efeito tango fontes européias vaticinaram por volta do ano 2000, com acerto, a desvalorização do dólar frente à moeda européia em 30%. Isto facilitaria uma acoplagem na América Latina, porque uma moeda desvalorizada da Patagônia até o Alaska, propiciaria a implantação de um sistema de *currency board* na baixa, chegando a um meio termo sobre o processo de importação e exportação, frente à Europa e a Ásia, equilibrando da mesma forma os mercados internos dos países latinos e induzindo sobremaneira a concatenação do projeto da ALCA. Este modelo econômico traria benefícios duplos aos EUA, o primeiro, já descrito, colocaria os EUA como matriz incontestada do novo macro-estado pós-nacional que se delinaria nas Américas de norte a sul através do incipiente proto-esboço da ALCA ao mesmo tempo em que, da melhor maneira possível, propiciaria aos americanos a eliminação de seus déficits crônicos que ultrapassam já a casa dos US 40 bilhões de dólares mensais. Sendo certa esta hipótese de trabalho, observaremos num período de prazo médio uma convergência de índices – em virtude da colisão das tendências das políticas econômicas endógena com a exógena – que, por força deste mesmo paradoxo intrínseco, levarão a um asfixia da economia nacional, se não for alterada a política de juros, tributos e salários. No futuro, além duma diminuição no processo de exportação, com a tendência inevitável da queda do dólar, por consequência da argumentação expendida, necessitar-se-á do aumento do mercado interno para sustentar o processo produtivo sem desemprego e sem recessão assegurando assim a consolidação da Democracia através da implantação do Plano Real III, que seria a equidistância cambial entre os Planos Real I e Real II.

Prof. Sérgio Borja – Cientista Político e Membro da Academia Sul-Riograndense de Letras - Professor de Direito da PUC/RS e da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul